

## LITERATURA INDÍGENA INFANTO-JUVENIL: “A BOCA DA NOITE” DE CRISTINO WAPICHANA COMO CONTRIBUIÇÃO DE ENSINO NA ESCOLA PARA A EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL II

[1] Sandra Cristina de Souza  
sandracristina@uems.br

[2] Ingrid Joyce de Lima Patrocínio  
ingraid@hotmail.com

**Resumo** Este artigo apresenta uma discussão sobre o porquê trabalhar obras de literatura indígena Infanto-juvenil nas escolas. Quando se fala em literatura, logo vem à mente uma lista de cânones com suas famosas escritas artísticas. Nota-se que são poucos são os que se aventuram em obras não-canônicas e menor ainda os insistem resgatar a cultura indígena, através da literatura. Este trabalho tem por objetivo principal analisar os resultados obtidos ao trabalhar a obra de um autor indígena na escola. E traz consigo uma breve análise do livro “A boca da noite” do escritor indígena Cristino Wapichana. Desta forma, este artigo propõe trazer uma contribuição para que os educadores possam refletir sobre a literatura indígena no Brasil.  
**Palavras-chave:** Literatura Indígena. Infanto-juvenil. Escola. Professor.

**Resumo** This article presents a discussion on why working on indigenous children’s literature in schools. When it comes to literature, it soon comes to mind a list of canons with their famous artistic writings. It is noted that there are few who venture into non-canonical works and even fewer insist on rescuing indigenous culture through literature. This paper aims to analyze the results obtained by working the work of an indigenous author in school. And it brings with it a brief analysis of the book “The Mouth of the Night” by indigenous writer Cristino Wapichana. Thus, this article proposes to bring a contribution so that educators can reflect on indigenous literature in Brazil.

**Keywords:** Indigenous Literature. Children and youth. School. Teacher.

### 1. Introdução

Há mais de 500 anos há um povo que luta bravamente em busca de um único objetivo: coexistir. Este a que refiro é o povo indígena brasileiro, que há anos vem se reinventando, resistindo apesar de tudo, com as indiferenças, com o desrespeito, preconceito, e tantas outras coisas. E este povo é o meu povo, e para mim é uma honra pertencer a etnia Terena.

E por que os indígenas almejam coexistir? Primeiramente vamos a definição da palavra: *co.e.xis.tir<sup>1</sup>*

v.i. (verbo intransitivo)

1. Existir ao mesmo tempo.

Os indígenas brasileiros antes mesmo das grandes navegações portuguesas e do “Descobrimento do Brasil” com Pedro Álvares Cabral, já existiam! E pode até parecer ridículo

1

Disponível em: <<https://dicionariocriativo.com.br/significado/coexistir>>. Acesso em: 23/07/2018.

um indígena afirmar que o objetivo é coexistir – existir ao mesmo tempo – mas o esquecimento dos povos indígenas em todo este tempo tem sido proposital. Ao longo de todos estes anos foram silenciados, invisibilizados, e em meio a tudo isso não basta apenas existir, mas se fazer existir ao mesmo tempo, ganhar reconhecimento no país em que vivemos.

Existem várias etnias indígenas no Brasil, cada uma com seus costumes, tradições e línguas. Mas uma única tradição vem nos unindo a gerações, a tradição oral. Quando o ancião, o velho mais sábio da aldeia sai de sua casa é comum vê-lo rodeado de homens, jovens e crianças, todos querem escutá-lo, sejam elas histórias ou então experiência de vida. Para os indígenas isto é muito importante, pois faz parte de sua cultura, todo este conjunto de histórias, mitos, lendas, resgata a importância da riqueza da tradição oral indígena.

Um grande problema tem se enfrentado, que é a falta de registros escritos, desta oralidade. Perdem-se várias narrativas orais quando um ancião da aldeia morre, onde as histórias quando não transcritas são extintas, pois constava apenas na memória de um indivíduo detentor desta parte da memória coletiva. E a escrita permitiu a memória um grande progresso. Antes desta invenção, alguns acontecimentos corriam o risco de serem totalmente esquecidos ao longo tempo, mas através da escrita estavam sendo registrados em mármores ou pedras, assim preservando as informações.

Realmente a escrita vem contribuindo grandemente com muitas histórias que não poderiam deixar de serem esquecidas. E quando falamos em histórias, impossível não vir a cabeça uma estante cheia de livros, e com ela a arte de ler, de imaginar... e por mais que não saibamos se ela é verdadeira ou não, ela começa a fazer parte de nós a partir do momento que a lemos e nos surpreendemos, nos identificamos, nos emocionamos, coisas que apenas uma história pode nos fazer sentir.

Por falar em arte, temos a amada literatura brasileira, que por mais que ele seja rica, ainda vivemos presos a uma formação canônica. “Em princípio, não negamos o cânone, antes, achamos que ele necessita ser ampliado, incluindo em seu *corpus*, entre outras manifestações, parte significativa da literatura de origem popular.” (ALVES 2013, p 35).

No decorrer dos estudos, foi feito um levantamento através de pesquisas a respeito de histórias indígenas brasileiras concretizadas através da escrita, e percebeu-se que ainda são poucas em relação ao nosso vasto mundo literário. Estas histórias fazem parte da literatura indígena brasileira e este tipo de literatura infelizmente faz parte de um mundo que muitos desconhecem. Aos que adotam preconceito literário, não libertos da literariedade canônica parece estranho afirmar que a literatura indígena é importante.

E chegamos as seguintes perguntas: Por que trabalhar obras de literatura indígena infanto-juvenil nas escolas? Qual a contribuição das obras de literatura indígena infanto-juvenil para os alunos? A partir destas perguntas deu-se início aos estudos, visando buscar por meio de autores indígenas contribuições para o conhecimento do aluno e também fazer uma breve análise da obra selecionada.

Diante deste cenário, esta pesquisa tem por objetivo principal analisar os resultados obtidos ao trabalhar obras de autores indígenas em 3 salas de 7º anos em uma Escola Municipal de Bonito-MS. Para isso foi elaborado planejamento de aulas voltados para a temática indígena e selecionada uma obra de um escritor indígena. O mês de abril de 2018 foi escolhido por ser

considerado o “Mês indígena” já que dia 19 de abril é comemorado o Dia do índio no Brasil.

Neste sentido, nos apoiaremos nas leituras de autores na área da literatura, tais como Alves (2013), Rouxel (2013) e Todorov (2009). De outros autores conceituados como Barthes (2011), Bonvini (2006), Hall (2006), Le Goof (1990) e Zumthor (1993). De pesquisadores na área de literatura indígena como Guesse (2014) e Thiél (2013). De outros que debatem sobre a folclorização indígena como Silva (2013) Freitas e Kruse (2015). E nas leituras e entrevistas de escritores indígenas como Ailton Krenak, Cristino Wapichana, Daniel Munduruku e Eliane Potiguará.

## 2. A cultura oral indígena

A população indígena no Brasil é constituída por muitos povos, diferentes um dos outros, com usos, costumes e crenças próprias, e que falam línguas diferentes. Reconhecidamente no Art. 231 da Constituição da República Federal do Brasil (Lei nº 93 de 08/09/2016): “Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre terra que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.”<sup>2</sup>

Recentemente no Brasil, segundo dados da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, existem 817 mil índios, que representa cerca de 0,4% da população brasileira<sup>3</sup>, que estão distribuídos entre 688 Terras Indígenas.

A luta é enorme para a coexistência indígena e em relação a cultura, por mais que eles possuíram um espaço aberto para muitas influências socioculturais advindas de outras sociedades, afirmamos que ela ainda permanece fortemente.

Uma tradição comum entre os povos indígenas são as narrativas orais. Barthes (2011, p. 19), discorre o seguinte comentário sobre as narrativas:

Inumeráveis são as narrativas do mundo. [...] a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura [...] no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no *fait divers*, na conversação.

Vemos que a narrativa engloba tanto a verbal como a não verbal, e não se pode pensar em narrativas, em histórias sem pensar na ligação que há entre o ser humano e a arte de contar histórias: “a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte algum povo algum sem narrativas; todas as classes, todos os grupos humanos têm narrativas [...]” (BARTHES, 2011, p. 19).

Bonvini (2006) e Zumthor (1993), em suas obras abordam a questão da oralidade, e o que

2 Disponível em: <[https://www.senado.leg.br/atividade/const/com1988/com1988\\_08.09.2016/art\\_231\\_.asp](https://www.senado.leg.br/atividade/const/com1988/com1988_08.09.2016/art_231_.asp)>. Acesso em: 23/07/2018.

3 Segundo dados do Censo 2010, disponível no site: <[www.funai.gov.br](http://www.funai.gov.br)>. Acesso em: 23/07/2018.

conhecemos hoje como tradição oral, veio a nós através da voz das pessoas. A oralidade foi por muito tempo a forma predominante de transmissão de conhecimento em diversas sociedades na história humana e quando é o único meio de comunicação, são através das narrativas orais que as pessoas transmitem os seus saberes e suas experiências. De boca em boca, e de geração em geração chegou até nós o que chamamos de histórias, sejam elas lendas, contos, mitos, fábulas ou então sobre a vida de alguém.

E o povo indígena redefine-se a cada ano, a elasticidade de se reinventar ao longo do tempo sem se esquecer de suas antigas histórias é uma arte que possuem. Segundo Gelnner (1983, p.48) apud Hall (2006, p.53) “[...] está lá, na verdadeira natureza das coisas, algumas vezes adormecida, mas sempre pronta para ser acordada de sua longa, persistente e misteriosa sonolência, para reassumir sua inquebrantável existência.”

Ainda Hall acrescenta que “está lá desde o nascimento, unificado e contínuo, “imutável” ao longo de todas as mudanças, eterno” (ibid., p. 53). Com esta fala percebemos que há algo em comum entre os pensamentos de Hall e os indígenas, pois ambos acreditam que uma identidade nacional não será destruída pela modernidade, pois as vozes da ancestralidade soam fortemente ao passar dos anos.

### 3. A literatura indígena

Conforme o tempo passa, a sociedade muda, seus valores e costumes também mudam, e para que a escrita surgisse, foi necessário que a humanidade viesse a sentir falta de algo com que preservassem a sua memória. Leroi-Gourhan (1964, p. 67-68), citado por Jacques Le Goff (1990, p.434) afirma que “[...] a evolução da memória, ligada ao aparecimento e à difusão da escrita, depende essencialmente da evolução social e especialmente do desenvolvimento urbano”.

Uma das maiores lutas que o povo indígena tem enfrentado é para que as histórias não apenas sejam eternizadas nas vozes dos nossos velhos anciões sábios, mas também na escrita, que tem nos ajudado a resgatar a nossa essência, a fortalecer a nossa identidade.

E nos últimos 30 anos, a tradição oral do povo indígena vem recebendo um poderoso aliado: a literatura. Que vem enriquecendo o as antigas histórias, contos, tradições de um povo que por anos viviam na memória, onde ela não é menos importante, pois a escrita nada mais é que o registro desta memória.

Com a literatura nasce então a literatura indígena, e a escritora indígena Eliane Potiguara (2018)<sup>4</sup> define que “O termo literatura indígena foi criado estrategicamente como uma forma de valorizar a cultura indígena, as histórias, as lendas, a ancestralidade. Foi uma forma que nós encontramos, de luta e de resistência, para tirar da invisibilidade não apenas os povos indígenas, mas toda a sua produção cultural”

Mas a literatura indígena ainda é desconhecida por muitos brasileiros, isso se dá por ainda não ser muito estudada na maioria das universidades brasileiras e por vários outros fatores que contribuem para o desconhecimento e a dificuldade de encontrar obras de literatura indígena em tantos outros espaços do saber como livrarias, bibliotecas, escolas, universidades.

4 Entrevista ao programa Universo Literário, da Rádio UFMG Educativa. Disponível em: <<https://ufmg.br/comunicacao/noticias/eliane-potiguara-fala-sobre-a-literatura-dos-povos-indigenas-no-brasil>>. Acesso em: 23/06/2018.

O escritor indígena Ailton Krenak (2009) afirma em seu artigo “O eterno retorno do encontro”<sup>5</sup> dizendo que:

Quase não existe literatura indígena publicada no Brasil. Até parece que a única língua no Brasil é o português e aquela escrita que existe é a escrita feita pelos brancos. É muito importante garantir o lugar da diversidade, e isso significa assegurar que mesmo uma pequena tribo ou uma pequena aldeia guarani, que está aqui, perto de vocês, no Rio de Janeiro, na serra do Mar, tenha a mesma oportunidade de ocupar esses espaços culturais, fazendo exposição da sua arte, mostrando sua criação e pensamento, mesmo que essa arte, essa criação e esse pensamento não coincidam com a sua idéia de obra de arte contemporânea, de obra de arte acabada, diante da sua visão estética, porque senão você vai achar bonito só o que você faz ou o que você enxerga.

Embora as produções de literaturas indígenas serem escritas por indígenas e não indígenas, para o indígena, um dia seus ouvidos foram emprestados a um velho sábio cuja a memória era rica de contos, histórias e músicas de um certo povo que ao longo dos anos vem se reinventando.

O indígena Cristino Wapichana<sup>6</sup> afirma que a literatura indígena vai além do simples fato de ser escrita por indígenas, pois “Há algo que a diferencia, que é a identidade, ela tem uma espiritualidade bem definida em qualquer historinha ou texto tradicional, e trata-se de uma espiritualidade e visão de mundo específica de cada povo”.

#### 4. A literatura indígena infanto-juvenil

Cerca de 20 anos após a aprovação da Declaração Universal dos Direitos da Criança (1959), foram redigidos Os Direitos Universais das Crianças a Escutar Contos, pelo Centro Regional para o Fomento do Livro na América Latina e no Caribe (Cerlalc). Segundo este documento resumido e discutido por Giardinelli (2010, p.53) apud THIÉL (2013, p. 1176) “Toda criança/jovem goza a plenitude do direito de conhecer os contos, poemas e lendas de seu país”.

Logo, não basta apenas conhecer as obras canônicas de Machado de Assis, José de Alencar, Carlos Drummond de Andrade, entre outros que possuem posições privilegiadas por serem autores de obras consideradas as mais representativas da tradição literária, mas devemos conhecer também textos que retratam histórias de uma vasta diversidade cultural que o nosso país possui, tais como os povos indígenas.

Estes textos devem ser apresentados a todos, mas quando tratamos de crianças e jovens fica evidente que há um maior cuidado com a literatura infantil. E isso não é à toa: “O adulto é muito cabeçudo. Olham para nossa gente como se fôssemos crianças. Porque foi levado a

5 Disponível em: <<http://ailtonkrenak.blogspot.com/2009/12/o-eterno-retorno-do-encontro.html>>. Acesso em: 23/06/2018.

6 Fonte Revista Trip News. Disponível em: <<http://www.avozindigena.com.br/site/escritores-e-escritora-indigenas-fazem-dos-saberes-originais-a-materia-prima-para-seus-livros/>>. Acesso em: 23/07/2018.

acreditar que por vivermos um sistema sócio-político-educativo-espiritual diferente e não temos condições de desenvolver sentimentos de humanidade. [...] os adultos não poderão fazer a mudança”<sup>7</sup>, afirma o escritor Daniel Munduruku.

Daniel Munduruku também diz que: “Se desejarmos que se mude algo, temos que pensar nas crianças e nos jovens. Escrever para crianças é uma estratégia. Para atingir a mente em formação dessas pessoas que não fazem acepção de pessoas ou ideias. Este é o motivo básico que nos impulsiona a direcionar para as crianças e os jovens nossa produção literária.”<sup>8</sup>

Observa-se ainda que a maioria dos alunos, entre eles crianças e jovens, ainda veem aquele índio totalmente estereotipado, folclorizado como o personagem Poti, “Lá na mata vive o menino Poti. Poti é bonito, com uma pena de tucano no peito”<sup>9</sup>, criado por uma não indígena. Não que seja uma crítica a autora, é porque vemos isto em toda parte.

São diversas as imagens e discursos sobre os índios, seja no ensino desde o nível básico até a universidade, seja na mídia e no senso comum, ainda predomina o apelo à folclorização, ao exotismo e ao romantismo. Desconhece-se, ignora-se muito os povos indígenas, as suas experiências, suas expressões socioculturais, os conflitos que vivenciam, as mobilizações pelo reconhecimento das suas organizações sociopolíticas por reivindicações, conquistas e garantia de seus direitos (SILVA, 2013).

Segundo informações disponíveis no site do IBGE no último Censo de 2010<sup>10</sup>, foram identificados 305 povos indígenas, e 274 línguas indígenas diferentes, que habitam o Brasil. Este número é pouco comparado há vários povos que foram dizimados pelos *purutuyé* – não-índios na língua nativa Terena – com seus discursos de ódio e preconceito que ainda permanecem na sociedade.

Durante a pesquisa foi ouvido um relato de uma professora pedagoga que há anos atua no Ensino Fundamental I que “os portugueses escravizaram os negros porque os índios eram preguiçosos”. Com isso vê-se claramente que não é dada a atenção merecida ao estudo sobre a história dos indígenas hoje e muito menos a de ontem. “Apesar das dificuldades apontadas, a literatura produzida pelos índios das mais diversas etnias brasileiras merecem visibilidade; sua presença e expressão podem e devem ser contabilizadas e valorizadas.” (THIÉL, 2013, p. 1177).

Na obra *Coisas de Índio Versão Infantil*, de Munduruku (2010), o autor discorre na apresentação sobre seu propósito ao escrever e publicar seu livro para um público-alvo não índio:

Este livro é muito precioso para mim, por ser uma tentativa de cumprir a promessa feita a meu avô e de oferecer aos estudantes de todo o Brasil um

7 Ibidem.

8 Fonte Revista Trip News. Disponível em: < <http://www.avozindigena.com.br/site/escritores-e-escritora-indigenas-fazem-dos-saberes-originais-a-materia-prima-para-seus-livros/>>. Acesso em: 23/07/2018.

9 Livro “O menino Poti” de Ana Maria Machado e Claudius.

10 Disponível em: < <http://www.avozindigena.com.br/site/escritores-e-escritora-indigenas-fazem-dos-saberes-originais-a-materia-prima-para-seus-livros/>>. Acesso em: 23/07/2018.

material atualizado sobre os povos indígenas que habitam esta terra. Quero traz, através dele, a essência de nosso jeito de viver [...]. (MUNDURUKU, 2010, p. 7)

E por mais que as obras de escritores indígenas vêm crescendo nos últimos anos, poucos são os leitores. Mas consideramos a escola como o espaço mais indicado e privilegiado para realizar a leituras de livros escritos por autores indígenas. A literatura indígena infanto-juvenil é uma textualidade importantíssima para divulgar e aprofundar a história, os modos e os costumes do povo indígena às crianças e jovens que ainda desconhecem esta realidade.

## 5. A literatura indígena infanto-juvenil na escola

Para Nelly Novaes Coelho (2000, p. 27) apud Thiél (2013, p. 1179): “A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra”. E por mais que o espaço escolar esteja repleto de obras canônicas de tradição literária europeia onde o índio é dado como um “selvagem”, ainda ela é o principal meio para trabalhar a literatura indígena infanto-juvenil.

A metodologia foi pensada a partir da leitura dos textos de Alves (2013) com seus dois experimentos de aulas de literatura e Rouxel (2013) abordando como ensinar literatura. E a partir da ideia do professor, sujeito leitor.

O professor é um sujeito leitor que tem a sua própria leitura do texto. É também um profissional que precisa vislumbrar, em função de diferentes parâmetros (idade dos alunos, expectativas institucionais), que leitura poderá ser elaborada na aula. (ROUXEL, 2013, p.29)

Uma pequena biblioteca em casa, o gosto pela leitura, os pais lendo a Bíblia pela manhã, e na cabeceira da cama algumas histórias infantis com homens e mulheres da Bíblia, a trajetória desta pesquisa se iniciava.

E na dedicatória em um livro indígena infanto-juvenil, “Catando piolhos, Contando Histórias”, marcava-se a trajetória desta pesquisa: “Que estes “piolhos” possam alimentar seu espírito”, a história dos piolhos foram realmente verdadeiras.

A partir do ano de 2016 vários livros vieram a compor a biblioteca de casa com autores indígenas, e a escolha da obra como afirma Rouxel (2013, p. 22) “é determinante para a formação de sujeito leitores”. Logo, foi selecionada a obra de Cristino Wapichana “A boca da Noite”, uma história incrível de Kupai um “indinho” aventureiro e cheio de imaginação.

O livro foi trabalhado no Ensino Fundamental II, nas turmas do 7º ano A, B e C, no total de 80 alunos que possuem em média de 12 a 15 anos na Escola Municipal Durvalina Dorneles Teixeira, que comporta um pouco mais de 500 alunos, entre os períodos matutino na cidade de Bonito-MS.

E por final foi elaborado um planejamento de aula semanal e aplicado no mês de abril, com um total de 6 aulas de forma que abrangesse a temática indígena, e dentre estas aulas

realizamos o que Colomer (2007) apud Alves (2013, p. 45) chama de “leitura compartilhada”. “Noutras palavras, estimular o jovem leitor ou a criança a se pronunciar sobre o texto, a dizer seu ponto de vista, a dialogar com o texto e com os colegas.” (ALVES, 2013).

Segue o planejamento abaixo:



**SEMEC**  
Secretaria Municipal de Educação e Cultura  
Bonito - MS

## PLANEJAMENTO DE AULAS DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE BONITO – MS – 2018

**ESCOLA DURVALINA DORNELES TEIXEIRA**

**ANO FASE: 7º ANO A, B e C**

**ETAPA DE ENSINO: FUNDAMENTAL II**

**DISCIPLINA: LÍNGUA PORTUGUESA**

**QUANTIDADE DE AULAS: 6 aulas**

**PERÍODO: ABRIL**

**CONTEÚDOS:**

**Aula 1 – Ser indígena.**

**Aula 2 – Leitura do livro: A boca da noite, Cristino Wapichana.**

**Aula 3 – Leitura do livro: A boca da noite, Cristino Wapichana.**

**Aula 4 – Interpretação de texto: A boca da noite.**

**Aula 5 – Filme: Xingu.**

**Aula 6 – Filme: Xingu.**

**HABILIDADES E COMPETÊNCIAS:**

**Aula 1 – REFLEXÃO:** Refletir sobre a vida dos indígenas.

**Aula 2 – PRÁTICA DE LEITURA:** Decodificar, compreender, interpretar e reter.

**Aula 3 – PRÁTICA DE LEITURA:** Decodificar, compreender, interpretar e reter.

**Aula 4 – COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO:** Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

**Aula 5 – REFLEXÃO:** Refletir sobre a vida dos indígenas.

**Aula 6 – REFLEXÃO:** Refletir sobre a vida dos indígenas.

**METODOLOGIA:**

**Aula 1 –** O professor irá fazer uma roda de conversa com seus alunos e contará um pouco sobre a sua

- Abordará também a questão do “descobrimento” do Brasil, quebrando assim toda aquela visão estereotipada

- Em seguida irá passar um vídeo feito pela ISA – Instituto Socioambiental “#MenosPreconceitoMaisÍndio”, para que os alunos reflitam sobre como é ser um indígena nos dias de hoje.

Aula 2 – Será realizada uma leitura coletiva do livro “A boca da noite” de Cristino Wapichana até a página em que Kupai fica aguardando a resposta de seu pai quanto sua pergunta, o que era a “boca da noite”, no intuito de provocar a curiosidade do aluno e dar asas a sua imaginação.

- Depois os alunos irão desenhar o que seria para eles a tal da “boca da noite.”

Aula 3 – Será dada a continuidade a leitura coletiva do livro “A boca da noite de Cristino Wapichana.

- Em seguida o professor olhará no caderno de seus alunos os desenhos e ver quem tinha acertado o que era realmente a “boca da noite” conforme a história.

- Depois o professor perguntará aos alunos o que eles acharam da história.

Aula 4 – Será passado na lousa questões para interpretação sobre a história: A boca da noite.

Questões:

1. Em sua opinião, essa história é verdadeira? Justifique.
2. Para você os personagens Dum e Kupai respeitavam a história de seus ancestrais?
3. Os castigos que os personagens Dum e Kupai receberam fazem parte dos costumes indígenas?
4. A forma como a família de Kupai viviam, assim vive todos os indígenas brasileiros? Explique.
5. É possível afirmar que os indígenas atualmente são os mesmos indígenas a 500 anos atrás? Por quê?

Aula 5 – Os alunos assistirão o filme: Xingu, para conhecerem um pouco da história deste povo indígena brasileiro que anos vem sofrendo com tantas ameaças, assassinatos ao longo do tempo.

Aula 6 – Os alunos terminarão de assistir ao filme: Xingu.

- Depois o professor irá ajudar os alunos a refletirem sobre como está a situação dos povos indígenas desde a “descoberta” do Brasil.

AVALIAÇÃO:

- Os alunos serão avaliados individualmente de forma processual, conforme a sua participação e envolvimento nas atividades propostas pelo professor.

RECURSOS:

- Lousa
- Caderno
- TV
- Livro “A boca da noite”

## 6. Breve análise do livro “A boca da noite” por Cristino Wapichana

Antes mesmo da breve análise do livro, vamos conhecer um pouco sobre a vida do escritor indígena Cristino Wapichana. Cristino Wapichana é natural de Boa Vista, Roraima. Músico, compositor, escritor premiado e contador de histórias. Desenvolve atividades e vivências culturais, educativas e recreativas sobre a cultura indígena, orientadas para crianças e jovens.<sup>11</sup>

E agora um pouco sobre o livro selecionado: Em 2014 com o texto “A boca da noite” ganhou a menção honrosa no Concurso FNLIJ/UKA Tamoios de Textos de Escritores indígenas. O mesmo texto recebeu o Prêmio FNLIJ 2017 - na categoria Criança e Melhor Ilustração, e ficou em terceiro lugar na categoria livro infantil do Prêmio Jabuti 2017. E neste ano de 2018 foi traduzida para o sueco e recebeu a Estrela de Prata do Prêmio Peter Pan, concedido pelo IBBY - International Board on Books for Young People, da Suécia

O livro “A boca da noite” não foi escolhido apenas pelos seus diversos prêmios. O livro “A boca da noite” por Cristino Wapichana por incrível que pareça não possui número de páginas, provavelmente seja proposital no intuito de quando iniciar a leitura não parar ou então marcar a página para continuar em outro momento. E por mais que possivelmente seja sem querer, esta falta de números não faz falta, por mais que seja de costume pegar um livro e contar o número de páginas.

A leitura se faz em poucos minutos, é um livro de poucas páginas, comparada as obras que fazem parte da literatura canônica, mas quando o leitor pega o livro e começa a folhear é quase impossível conseguir parar, pois a todo o momento o personagem Kupai está curioso e cheio de perguntas querendo descobrir quem era essa tal “boca da noite”, “Após o jantar papai começou a contar uma história [...] eu nem estava prestando atenção na história que papai contava, mas, quando falou da tal “boca da noite”, tratei logo de acordar todos os meus sentidos que estavam quase dormindo.”<sup>12</sup>

A curiosidade de Kupai é tanta que passa a alimentar a do leitor também, pois são várias as páginas que o personagem fica imaginando de diferentes formas de como seria a “boca da noite”, “Fiquei imaginando como era o corpo da noite... Pois se tem boca, tem que ter cabeça, nariz, orelha, cabelo, braços, pernas, mãos, pés... Será que essas partes são parecidas com as do nosso corpo? Porque, se tem boca, deve haver um corpo!”<sup>13</sup>

As ilustrações realizadas por Graça Lima são lindas, a escolha das cores em tons quentes do amarelo e o vermelho e em tons frios do preto e o azul foram todas combinadas para poder manter o forte contraste das linhas das letras com as imagens de fundo.

Algo também muito interessante é que no livro podemos ver a língua nativa, o nome dos personagens Kupai e Dum pertencem a língua Wapichana:

Dum (ou Arapua) = Marimbondo

Kupai (peixe)

As traduções constam ao final do livro como um pequeno dicionário com os nomes dos personagens. E ao final da história o personagem Kupai ainda não satisfeito com a resposta que

11 Disponível em: <<http://bocadoceu.com.br/cristino-wapichana/>>. Acesso em: 25/07/2018.

12 Trecho do livro ‘A boca da noite’ por Cristino Wapichana.

13 Ibidem

seu pai lhe dera a respeito da noite, decide então perguntar a própria boca da noite sobre a boca da noite. Talvez todos tenhamos dentro de nós um pequeno Kupai. É incrível como um livro nos submete a tantas emoções.

### **7. Contribuições da literatura indígena Infantojuvenil escrito por um autor indígena para os alunos do Ensino Fundamental II**

Antes mesmo de trabalhar com o texto na escola, foi realizada uma conversa com os alunos sobre os escritores indígenas, e que os mesmos escreviam vários livros Infanto-juvenis que eram especialmente para crianças e jovens. Esta etapa realizada foi primordial, mas antes disso o professor deve conhecer sobre quem seus alunos irão ler, de quem este povo pertence, qual a sua cultura, seus costumes, seu modo de viver. O professor leitor como Rouxel (2013) define, deve ter os limites da mediação.

Indagados sobre quem são os indígenas de hoje, os alunos demonstraram perdidos ao responder, pois como uma professora de pele retinta, de cabelos enrolados é uma indígena? Onde entra a questão da identidade e a etnogênese. Foram tiradas várias dúvidas como: “Todos os índios falam a mesma língua?” “Por que você é índia e tem o cabelo enrolado?” “Por que os índios brigam com os fazendeiros?” Entre outras.

E ao falar sobre literatura indígena, os alunos demonstraram não saberão certo do que se tratava, ou que ela existia, nunca haviam escutado ou então pego um livro com uma história indígena escrito por um indígena. Apenas disseram que era algo que tinha a ver com os índios e a leitura, e eles estavam completamente certos. E durante a pesquisa foi encontrado apenas 1 livro de autoria indígena, “KabaDarebu” de Daniel Munduruku, em uma sala de 2º ano do Ensino Fundamental em uma outra escola municipal na cidade de Bonito-MS.

Ao ler um livro escrito por um autor indígena Guesse (2014, p.32) afirma que “[...] os escritores da floresta conseguem compor uma obra literária, que se apresenta também como reflexão da cultura da comunidade que cada um deles representa.” E através da literatura indígena Infanto-juvenil conseguimos alcançar o conhecimento desta criança ou jovem.

Escrever para crianças e jovens é algo desafiador, pois não basta apenas escrever o texto, o livro deve conter belos desenhos, com as cores certas e a capa certa. E ao verem a capa do livro eles se encantaram com as cores que ele trazia, o preto, o amarelo e vermelho, ganhava a atenção dos alunos. Um bom ponto de partida é crucial para uma boa e proveitosa leitura.

Em seguida foi apresentado o nome do autor e feito um breve resumo sobre a sua vida e o povo a quem ele pertencia, os Wapichana. E logo na primeira página do livro já surgiram risadas e perguntas: “Kupai? Dum?” Os nomes diferentes chamaram suas atenções e ao final a explicação sobre a que língua pertencia e o que cada nome significava em português.

Ao decorrer do texto percebeu-se que muitos alunos se identificaram com o personagem, pois muitos diziam: “parece eu”, pelo fato de que Kupai ser muito curioso e inventivo, como o livro diz. E algo que quase todos tinham em comum era o fato de serem crianças – muitos dos alunos ainda se consideram como crianças, pelo fato de gostarem de brincar de carrinho, soltar pipa entre outras brincadeiras –, isto contribui para que eles se sentissem como parte da história.

Era algo emocionante, pois eles não viam a hora de chegar na página em que o pai de

Kupai revelaria o que era a “boca da noite”. E na pausa da leitura para que ilustrassem o que para eles era a “boca da noite”, descobria-se tamanha criatividade dos alunos, com desenhos maravilhosos, cheios de cores e formas.

Ao estarem desenhando iam surgindo novas perguntas, “A boca da noite é um monstro?” “A boca da noite é o trovão?” E assim ficaram as perguntas sobre esta tal boca da noite que o pai de Kupai não contava para ele de jeito algum.

O livro é riquíssimo de informações, traz ao leitor imagens dos personagens usando roupas, grafismos indígenas, palavras de uma língua nativa indígena, informações na contracapa quanto aos povos indígenas do Brasil e na dedicatória a importância que os indígenas dão aos mais velhos, pois deles é a essência do conhecimento.

Resumindo, “A boca da noite” permitiu uma onda de conhecimentos aos alunos, conheceram os Wapichana, seus costumes, suas crenças, suas histórias, sua cultura e pôde proporcionar uma viagem fantástica, uma viagem ao mundo da imaginação.

## 8. Considerações finais

Os povos indígenas estão sempre prontos para construir uma nova história, a cada dia que passa suas esperanças são postas à prova – as lutas pela retomada de suas terras, as lutas pelo reconhecimento de seu povo – apesar de todas as intervenções culturais, a identidade indígena ainda permanece, comprovando a sua resistência; a língua, relações familiares, festas, o artesanato ainda se conserva, comprovando a resistência dos povos indígenas.

E a literatura Infanto-juvenil vem para somar forças:

A literatura Infanto-juvenil oferece uma mina de obras de qualidade para esse aprendizado de leitura literária. Há um grande número de obras nesse domínio [...] A leitura dessas obras tende a criar um novo horizonte de expectativa dos alunos. (ROUXEL, 2013, p. 27)

E aos poucos a literatura indígena no Brasil está sendo visibilizada, mas cabe a todos, sejam professores, acadêmicos, pesquisadores, leitores procurar e exigir nas bibliotecas, livrarias, academias, livros indígenas infanto-juvenis para leitura e pesquisa. O estudo sobre esta temática ainda deve ser dada a atenção e o valor merecido. Pois vale a pena lutar pelo reconhecimento de um povo que há anos a sociedade brasileira vem invisibilizando e esquecendo propositalmente.

O segredo são as crianças, a chave do nosso futuro, com elas deixamos a nossa herança ancestral que um dia nos foram contadas pelos nossos anciãos da aldeia que ouvíamos quando criança, e que até hoje buscamos ouvir a voz da sabedoria.

“A terra é que sabe quem são os verdadeiros filhos”, fala de Emmanuel Marinho em uma mesa redonda “Cultura indígena em Mato Grosso do Sul” no dia 29 de julho de 2017, em Bonito-MS.

## REFERÊNCIAS

ALVES, J. H. P. O que ler? Por quê? A literatura e seu ensino. **Leitura de literatura na escola.**

São Paulo: Parábola, 2013. P. 35-49.

BARTHES, R. [et.al.]. **Introdução à análise estrutural da narrativa**. Trad. PINTO, Maria Zélia Barbosa. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

BONVINI, E. Textos orais e textura oral. **A tradição oral**. Trad. QUEIROZ, Sônia. Belo Horizonte: FALE/UMG, 2006. P. 05-09

BRASIL. DECRETO Nº 93, DE 08 DE SETEMBRO DE 2016. **Título VIII da Ordem Social. Capítulo VIII dos Índios**, Brasília, DF, set, 2016. Disponível em: <[https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988\\_08.09.2016/art\\_231\\_.asp](https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_08.09.2016/art_231_.asp)>. Acesso em: 23 jul. 2018.

FREITAS, T. A. F. KRUSE, Rosa Cruz dos Santos. **A temática indígena na escola – experiências de uma aula oficina**. Trabalho apresentado no VII Congresso Internacional de História. 2015. UEM.

GUESSE, É. B. **SHENIPABU MYIUI: literatura e mito**. Tese de Doutorado. 2014. FAPESP.

HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade**. Trad. SILVA, Tomaz Tadeu da; LOURO, Guacira Lopes. 11ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Trad. LEITÃO, Bernardo [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MUNDURUKU, D. **Catando Piolhos Contando Histórias**. São Paulo: Escarlate, 2014

MUNDURUKU, D. **Coisas de Índio Versão Infantil**. São Paulo: Callis, 2010.

WAPICHANA, C. **A boca da noite**. Rio de Janeiro: Zit, 2016.

ROUXEL, A. Trad. REZENDE, Neide Luzia de. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. P. 17-33.

SILVA, E. **Dia do índio: a folclorização da temática indígena na escola**. Texto. 2013. Disponível em: <<http://www.construirnoticias.com.br/dia-do-indio-a-folclorizacao-da-tematica-indigena-na-escola/>>. Acesso em: 25/07/2018.

THIÉL, J. C. **A Literatura dos Povos Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural**. Artigo. 2013. PUC-PR

TODOROV, T. Trad. Caio Meira. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil LTDA. P. 16-24. Jerusa Pires. São Paulo: Companhia de Letras, 1993.

ZUMTHOR, P. A letra e a voz: A literatura medieval. Trad. PINHEIRO, Amálio; FERREIRA Jerusa Pires. São Paulo: Companhia de Letras, 1993.

## AUTORES

### **Sandra Cristina de Souza**

Possui graduação em História pela Universidade de São Paulo (1992), mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000) e doutorado em Ciências Sociais-Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2010), e Pós-Doutorado em Antropologia sob supervisão de Candace Slater, junto ao Department of Spanish and Portuguese da University of California, Berkeley (2014). Atualmente é professor titular da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul nos cursos de Licenciatura em Geografia e em Letras, Especialização em Estudos Aplicados de Linguagem, em Jardim e no Programa Stricto Senso de Mestrado Profissional em História, em Amambai.

### **Ingrid Joyce de Lima Patrocínio**

Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2013). Atualmente é Professor da Escola Municipal João Alves de Arruda e Professor da Escola Estadual Luiz da Costa Falcão.

Recebido em: 02 de Maio de 2019

Aprovado em: 02 de Setembro de 2019

Como citar este artigo: SOUZA, S. C.; PATROCÍNIO I. J. L. Literatura indígena infanto-juvenil: “A Boca da Noite” de Cristino Wapichana como contribuição de ensino na escola para a Educação Fundamental II. Ipê Roxo. Jardim, ano 1, n 1, p. 84-97, jul-dez, 2019.